



JOGOS MANCALA E A CONTINUIDADE CULTURAL AFRICANA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO NORTE DO MARANHÃO

Ana Flávia Campelo Nogueira¹

Antonio Santos Silva²

José Ricardo Santos Silva³

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivos focar os debates que envolvem a Educação Escolar Quilombola e suas implicações no cotidiano comunitário quilombola de uma comunidade do Norte do Maranhão. Trata-se de uma pesquisa direta, pelo viés da pesquisa-ação e pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados a partir da experiência do autor enquanto membro da comunidade e oficina utilizando o jogo mancala. O documento apresenta o resultado de uma oficina realizada na escola Santa Luzia cujo eixo norteador foi o jogo mancala. Evidenciou-se o histórico de negação do direito à educação para as populações negras brasileiras, bem como a história de lutas e resistência para o estabelecimento da Educação Escolar Quilombola. Em relação à oficina do jogo mancala, destacou-se a aplicabilidade pedagógica, tal como a relação histórica do jogo com a realidade dos educandos. As observações a partir dos resultados ressaltam a precariedade da educação na comunidade pesquisada, mas destaca que há alternativas para reavivar o processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Comunidade quilombola. Mancala. Educação.

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes às populações quilombolas no Brasil são bem vastos e com uma diversidade de enfoque, que vão desde as rupturas quanto ao termo pejorativo da noção “quilombo” à novas propositivas metamorfoseadas ao longo de contextos históricos bem distintos e, sobretudo, a partir da década de 1980 com o advento da Constituição brasileira que reservou nos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, artigos específicos relacionado às comunidades quilombolas.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Matemática, IFMA Campus Barreirinhas, Professora de Matemática do IFMA e Vice Coordenadora do NEABI Barreirinhas. E-mail: flavia.nogueira@ifma.edu.br

² Graduando em Licenciatura Plena em Biologia, IFMA Campus Barreirinhas. E-mail: antoniosilva@acad.ifma.edu.br

³ Estudante do curso técnico integrado em agroecologia, IFMA Campus Barreirinhas. E-mail: jricardo@acad.ifma.edu.br



Nosso trabalho está inserido nos debates transversais no que tange às questões acerca das comunidades quilombolas em todo território brasileiro. Considero transversais por considerar a educação em geral e Educação Escolar Quilombola em especial como tema que alicerça as demais pautas genéricas das populações quilombolas, por exemplo, a luta pelo território, o enfrentamento ao preconceito, o debate da identidade quilombola, a intolerância religiosa, sobretudo, as de matrizes africanas são temas recorrentes que necessitam estar imbricadas como temas centrais das escolas e que necessitam ser debatidas no âmbito escolar com mais propriedade por parte dos docentes locais.

Partindo do princípio da especificidade da Educação Escolar Quilombola, procuramos investigar as peculiaridades pedagógicas da Escola Municipal Santa Luzia, ressaltando as condições do trabalho docente, o perfil dos discentes, as questões da gestão, traçando a morfologia social desses eixos, bem como realizamos uma oficina para descrever e analisar uma atividade pedagógica específica, o jogo da mancala, muito usado no cotidiano de algumas populações africanas.

Apropriando da ideia do jogo mancala como uma herança africana, percebemos que seria interessante inserir na escola como um instrumento de ensino aprendizagem, bem como, através do mancala e de outros jogos de origens africanas, subsidiar debates acerca da história da África e dos afrodescendentes.

Nesse contexto, realizamos uma oficina no sentido de coadunar práticas pedagógicas que levassem em consideração os processos de ensino aprendizagem que estiverem relacionados direta ou indiretamente a algum contexto do continente africano (histórico, sociológico, educacional, econômico etc.).

METODOLOGIA

Observação direta e pesquisa-ação desenvolvida em uma escola quilombola do Norte do Maranhão com realização de oficina e campeonato do jogo mancala de origem africana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU DISCUSSÕES

Mancala, segundo estudos (FANTI et al, 2015), é uma denominação genérica para um grupo de jogos de tabuleiro com aproximadamente 200 jogos que difere no formato dos



tabuleiros e algumas regras (BORGES; PAIVA; SILVA, 2009). Não existe um consenso a respeito da data e local de origem dos “jogos Mancala”. Alguns estudiosos apontam seu surgimento por volta de 2000 a. C, enquanto outros acreditam em sua gênese em torno de 7000 anos no Continente Africano, “algures na África Negra, o continente onde estes jogos são mais populares e cuja diversidade de regras e tabuleiros é maior do que em qualquer outra região do globo” (SILVA; NETO; SANTOS, 2008, p. 24). Estes jogos, segundo Silva; Neto e Santos (2008, p. 24) são “jogados tradicionalmente, numa imensa área que se estende desde as Caraíbas até à Indochina, em quase toda a África, Médio Oriente, na Índia, na China”. É considerado o pioneiro em jogos de tabuleiro da história.

Os jogos da família dos Mancalas recebem também as denominações “jogos de semeadura” pois o movimento de distribuição das peças se assemelha ao da semeadura, além das evidências históricas de que as cavidades encontradas nos tabuleiros, originalmente eram cavadas no chão e as peças eram sementes. E jogos de contagem e captura ou *awalé*, que se constituem de um tabuleiro com determinada quantidade de covas (cavidade menor) em fileiras e um cala (cavidade maior) nas extremidades de cada fileira, responsáveis por guardar as sementes capturadas de cada jogador.

A variação dos tabuleiros e regras dos jogos do grupo dos Mancalas se dá pela disseminação do jogo em diferentes continentes, há constatações históricas tanto na África, quanto na Ásia. Além do nome *mancala* ser derivado do termo árabe *naqaala*, que significa “mover” (BORGES; PAIVA; SILVA, 2009) o que demonstra a provável apropriação desses jogos também no Oriente Médio.

O processo de escravidão compulsória dos africanos foi um dos meios de transporte desses jogos para as demais partes do mundo, uma vez que os capturados conseguiam carregar sua história, costumes, tradições, religiões, cultura e ludicidade. E dependendo da localidade há distinções em jogadas, mas a essência da semeadura permanece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a finalização do campeonato de mancala, sentamos para refletir sobre o jogo, perguntei-os se conheciam, e a resposta de 100% da turma foi negativa. A aluna M disse, “achei bem legal professora, a gente precisa ter muita atenção”, o Aluno Y complementou, “atenção na nossa jogada e na jogada do outro, tem que pensar no que ele pode fazer na



próxima jogada dele”. Segundo a aluna E “o jogo muda muito rápido, às vezes parece que a gente vai perder, mas uma jogada pode mudar todo o jogo”, e complementou, “tem que pensar muito no que é melhor fazer”.

Após os relatos dos estudantes participantes da prática, entendi que eles extraíram a essência do mancala. E julgo que os objetivos foram alcançados uma vez que pediram que eu realizasse o campeonato em outros momentos. O mancala em suas jogadas exige conhecimento em divisão, soma, subtração, pensamento estratégico, conjecturas sobre o que o oponente pode fazer, pensamento rápido, concentração, mesmo não sendo uma aula tradicional. Pode ser usado em momentos estratégicos no planejamento com o objetivo de estimular conceitos matemáticos.

Referências:

BORGES, José Salviano; PAIVA, Jéssica Rodrigues de; SILVA, Élide Alves da. Jogos Mancala: uma ferramenta no ensino de matemática. In: SIMPÓSIO DE MATEMÁTICA E MATEMÁTICA INDUSTRIAL, II, 2010, Catalão. Anais... Catalão: UFG, 2010, p. 51-57. Disponível em: <https://mat.catalao.ufg.br/p/26688-simposio-de-matematica-e-matematica-industrial>. Acesso em: 04/05/2022.

COSTA BATISTA. Relações étnico-raciais no contexto quilombola currículo, docência e tecnologia. 1. Ed.- Curitiba: Appris, 2020.

FANTI, E. L.C; SILVA, F. S M; SILVA. A. F; JUNIOR, D. C. F; RODRIGUES, R. R. Trabalhando com os Jogos Traverse e Mancala. São José do Rio Preto, 2015.

ITAPECURU-MIRIM – quilombo Jaibara dos Nogueiras. Ipatrimônio, 2019, disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/itapecuru-mirim-quilombo-jaibara-dos-nogueiras/#!/map=38329&loc=-3.374084638303532,-44.347422847340944,17>, acesso em 03/05/2022.

KOINONIA,. Os quilombos da História e os quilombos do presente. Apoio e fortalecimento político e protagonismo das comunidades quilombolas do Rio de Janeiro. Cartilha de Direitos. Rio de Janeiro: Rosa Peralta, 2013.

MOTA, Paula Cristina Costa Leite de Moura. Jogos no Ensino da Matemática. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Matemática/Educação), Programa de Pós-Graduação em Matemática/Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto: Portugal, 2009.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). Terra de quilombos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.